

O LEPROSO

DA

CIDADE DE AOSTA

PELO

Conde Xavier de Maistre.

TRADUZIDO

POR

Diogo Annes de Villas Boas e Sampaio

* * *

m. 12. 3. 1815

PORTO

TYPOGRAPHIA DE FARIA GUIMARÃES.

Rua do Bomjardim N.º 566

—
1850.



1.134.3-3Maistre,

AI

OFFICE

1870

DEPARTMENT OF THE INTERIOR

1870

General Land Office

WASHINGTON

1870

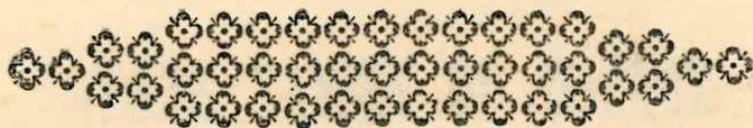
1870

DEPARTMENT OF THE INTERIOR

General Land Office

1870

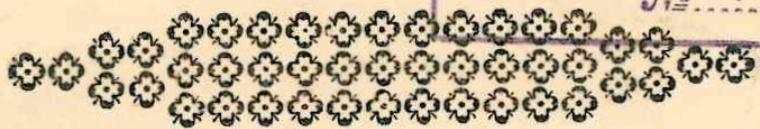




C. M. B.
BIBLIOTECA

O LEPROSO.

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
№ 4163



LIBRARY

UNIVERSITY OF TORONTO



O. M. B.
BIBLIOTECA

THE UNIVERSITY OF TORONTO

O. M. B.
BIBLIOTECA
UNIVERSITY OF TORONTO



O LEPROSO

DA

CIDADE DE AOSTE.

PÉLO

CONDE XAVIER DE MAISTRE.

TRADUZIDO

POR

* * *

*Diogo Annes de Villas Boas e Sampaio
m. 12. 3. 1815*



PORTO:

NA TYPOGRAPHIA DE FARIA GUIMARÃES,

Rua do Bomjardim n.º 566.

1850.

Biblioteca
C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
70 4163

4.X.44

O LEPROSO

de

CIDADE DE AOSTA

em

CONDE XAVIER DE MANTUA

TRABUNDO

em

* * *



PORTO:

NA TYPOGRAPHIA DE FARIA GUINHAES,
Rua do Bonjardim n.º 606.

1850.

BIBLIOTECA
M. J. J.

PROLOGO.



O LEPROSO DA CIDADE DE AOSTE, escripto pelo conde Xavier de Maistre, é um dos capitulos do livro das miserias humanas, cuja leitura será util para todos os homens, e consoladora para os infelizes. Logo que o lêmos, tivemos

o propósito de o traduzir; e, lan-
çando mãos á obra, fizemos tudo
que em nossas forças cabia, para
que a traducção sahisse o mais fiel
possivel, e em linguagem, não em-
prestada de estranhos idiomas, mas
só portugueza e pura. Por muito
contentes nos daremos, se, obten-
do do leitor a muita indulgencia
de que ha mister este nosso pri-
meiro ensaio do traductor, alcan-
çarmos, por tão pequeno trabalho,
o prazer de proporcionarmos a um
maior numero de infelizes o balsa-
mo de consoladora resignação que
a philosophica penna do author tão
habilmente elaborou.

O Traductor.

○ LEPROSO

DA

CIDADE DE AOSTE.

*Ah! little think the gay licentious proud,
Whom pleasure power and affluence surround...
Ah! little think they while they dance along...
How many pine!... How many drink the cup
Of baleful grief!... How many shake
With all the fiercer tortures of the mind!*

THOMPSON'S SEASON. — THE WINTER.

*Quão pouco attenta, o libertino altivo
No seio da opulencia e dos prazeres...
Quão pouco attenta em quanto alegre dança...
Que tantos outros se difinham!... tantos
Tragam o amargo caliz do infortunio!...
E tantos entre todas se debatem
Quantas torturas a alma despedaçam!*

ESTAÇÕES DE THOMPSON. — O INVERNO.

A PARTE meridional da cidade de Aoste, que, segundo parece, nunca foi muito habitada, está hoje quasi deserta. Alli se vêem campos cultivados, e grandes prados, de uma parte fechados por antigas muralhas, construidas pelos romanos para lhe servi-

rem de recinto, e da outra por alguns muros de jardins. Este sitio, com quanto solitario, não deixa de inspirar interesse ao viajante. Logo ao sahir da cidade lá sobresaem as ruinas d'um antigo castello, no qual, a darmos credito a tradições populares, o conde René de Chalans, zeloso em extremo, deixou morrer de fome, no decimo quinto seculo, a sua esposa a princeza Maria de Bragança; e d'aqui vem o darem-lhe os naturaes do paiz o nome de *Bramafan*, (que quer dizer *grito de fome*.) Esta anecdota, de cuja authenticidade se póde duvidar, faz com tudo que por estas ruinas se interessem as pessoas sensiveis que a crêem verdadeira.

Mais longe alguns centenares de passos, existe uma torre quadrada, encostada ao antigo muro, e construida com o marmore de que elle em outro tempo fôra revestido, que tem o nome de *Torre do Pavor*; porque por muito tempo acreditou o povo ser habitada por espiritos; e della, dizem as velhas da cidade, que se lembram de vêr em noites escuras sahir uma mulher de grande estatura, vestida de branco, e com uma lampada na mão.

Ha quasi quinze annos, que aquella torre foi reparada por ordem do governo, e cercada de um recinto, para alojar um leproso, e separa-lo da sociedade, proporcionando-se-lhe ao mesmo tempo todas as commodidades, e gosos, que a sua triste situação lhe permittissem. Coube ao hospital de S. Mauricio o encargo de prover á

sua subsistencia, e lhe subministraram alguns moveis, e instrumentos necessarios para cultivar um jardim. Aqui vivia elle desde longo tempo, só comsigo, sem vêr pessoa alguma além do sacerdote, que de tempos a tempos lhe subministrava os soccorros da religião, e o homem, que todas as semanas lhe conduzia as provisões do hospital. No anno de mil setecentos e noventa e sete, um militar, que durante a guerra dos Alpes estava na cidade de Aoste, passando por acaso um dia pelo jardim do leproso, cuja porta se achava entre-aberta, e entrando alli de curioso, encontrou um homem vestido com simplicidade, encostado a uma arvore, e internado em uma profunda meditação. Presentira este a entrada do official, e sem se mover e sem para elle olhar gritou com uma voz triste: « Quem está lá, e que me querem? » Perdoai a um estrangeiro, respondeu o militar, a quem o aspecto agradável do vosso jardim fez commetter talvez uma indiscrição; mas que de nenhum modo vos quer incommodar. « Sustende-vos » respondeu o habitante da torre accionando com a mão « não deis mais um passo: estaes ao pé de um infeliz atacado da lepra. » Seja qual fôr o vosso infortunio, replicou o viajante, nunca fugi dos infelizes; com tudo se a minha presença vos importuna promptamente me retiro. Sêde bem vindo, disse então o leproso virando-se para elle repentinamente. O militar, que, ao aspecto desse infeliz a quem a lepra tinha

totalmente desfigurado, ficou por algum tempo immovel de espanto, e horror, disse, de boa vontade me demorarei se vos é grata a visita de um homem, que o acaso aqui conduziu, e a quem um vivo interesse aqui retém.

Leproso.

Interesse!... Eu nunca excitei senão piedade.

Militar.

Muito feliz me julgaria, se pudesse dar-vos alguma consolação.

Leproso.

Já para mim é grande consolação vêr homens, e ouvir-lhe a sua voz, que sempre parece fugir-me.

Militar.

Permitti-me que comvosco converse alguns momentos, e que visite a vossa habitação.

Leproso.

De boamente, se nisso algum prazer vos posso dar: (dizendo estas palavras co-

briu o leproso a cabeça com um velho chapéo, cujas abas derrubadas lhe occultavam o rosto) e accrescentou, vinde aqui para a parte do Sul vêr o jardim que eu mesmo cultivo, e cujas flôres talvez vos agradem: ahi as vereis bem raras, pois tenho mandado vir sementes de todas as que espontaneamente se dão nos Alpes, e tenho-me esforçado em as dobrar, e embellesar pela cultura.

Militar.

Na realidade vejo aqui flôres que são inteiramente novas para mim.

Leproso.

Notai esta moutinha de roseiras sem espinhos, que só vejetam nos altos Alpes, e que perdem logo essa propriedade, e lançam espinhos á proporção que se cultiyam e multiplicam.

Militar.

Deveriam ser o emblema da ingratição.

Leproso.

Se algumas dellas vos agradam, podeis sem receio apanha-las, e nenhum risco correreis levando-as: é verdade que eu

as semeei, e gosto de as vêr e regar, porém nunca as toquei.

Militar.

E porque?

Leproso.

Porque recearia mancha-las, e então não me atreveria a offerece-las.

Militar.

Então que destino lhes daes?

Leproso.

As pessoas que me trazem as provisões do hospital não temem de as colhêr, e dellas fazer ramalhetes; e muitas vezes tambem os rapazes da cidade apanham algumas, e apenas eu os avisto á porta do meu jardim, subo logo para a torre receando espavorilos ou fazer-lhes mal, e então da minha janella os vejo brincar; e elles quando se retiram levantam os olhos para mim, e dizem rindo; bons dias leproso; e nisto mesmo goso eu algum prazer.

Militar.

Tendes sabido reunir aqui bem diffe-

rentes plantas; eis-aqui vides, e arvores fructiferas de muitas especies.

Leproso.

Estas arvores são ainda novas; eu mesmo as plantei assim como esta vinha que fiz trepar acima deste antigo muro, cuja largura fórma um pequeno passeio: é o meu lugar favorito... Tende a bondade de subir ao longo destas pedras, é esta uma escada de que eu fui o architecto. Agarrai-vos ao muro.

Militar.

Que lugar tão encantador! E que proprio elle é para as meditações de um solitario.

Leproso.

Tambem eu gosto muito delle: d'aqui vejo a campina, os homens que trabalham nos campos, vejo tudo que se passa nos prados, e sem receio de ser visto.

Militar.

Admiro como este retiro é tranquillo e solitario. Está-se em uma cidade e pôde crêr-se que se está n'um deserto.

Leproso.

Nem sempre a solidão está nas florestas e nos rochedos; o infeliz está só em toda a parte.

Militar.

Que serie de acontecimentos vos trouxe a este retiro? E' esta a vossa patria?

Leproso.

Nasci á beira-mar no principado d'Oneille; e aqui habito só ha quinze annos. Pelo que respeita á minha historia é toda ella uma longa e uniforme calamidade.

Militar.

Tendes vivido sempre só?

Leproso.

Não cheguei a conhecer meus pais, porque os perdi ainda na infancia; e uma irmã, que me ficou, morreu ha dous annos; e nunca tive um amigo.

Militar.

Infeliz!

Leproso.

Altos juizos de Deus.

Militar.

Fazei-me a mercê de me dizer o vosso nome.

Leproso.

Ah! o meu nome é terrível: chamo-me o leproso! O nome da minha familia, o meu nome de baptismo todos o ignoram. Sou o leproso; eis o meu unico titulo á benevolencia dos homens. Possam elles ignorar eternamente quem eu sou!

Militar.

Vivia comvosco essa irmã que perdes-tes?

Leproso.

Cinco annos morou ella commigo nesta mesma habitação. Tão infeliz como eu partilhava as minhas penas, e eu procurava suavisar as suas.

Militar.

Em que empregaes o tempo nesta tão profunda solidão?

Leproso.

A narração do emprego de tempo de um solitario como eu, não póde deixar de ser muito monotonica para um homem do mundo, que basêa a sua felicidade na actividade da vida social.

Militar.

Ah! pouco conheceis este mundo, no qual nunca encontrei a felicidade. Eu sou quasi sempre solitario por sympathia; e ha talvez entre as nossas ideias mais analogia do que pensaes; todavia confesso que uma eterna solidão me apavora; e só o concebela é para mim um tormento.

Leproso.

Aquelle a quem apraz a sua cella nella encontrará a paz. A Imitação de Jesus Christo assim no-lo ensina. Eu mesmo experimento a verdade destas palavras consoladoras. O sentimento da solidão o trabalho o suavisa. Nunca é de todo infeliz o homem que trabalha; e em mim o reconheço. No bom tempo occupo-me bastante com a cultura do meu quintal, e jardim; no inverno faço cestinhos e esteiras, trabalho nos meus vestidos, e todos os dias preparo a comida com as provisões que me vêm do hospital; preenchendo as horas que o trabalho me

deixa com a oração; e finalmente o anno corre, e quando acabo, parece-me ter sido bem curto.

Militar.

Deveria parecer-vos um seculo.

Leproso.

As afflicções e os desgostos parece que fazem as horas longas: porém os annos correm sempre com a mesma rapidez; ha com tudo no extremo infortunio um goso, que o commum dos homens não póde conhecer, que vos parecerá bem singular, é o goso de existir e respirar. Passo dias inteiros da primavera immovel sobre este passeio, gosando o ar, e as bellezas da natureza; então todas as minhas ideias são vagas e indecisas; então meus olhos se espraiam por essas campinas e por esses rochedos; e estes differentes objectos de tal sorte me impressionam, que fazem, para assim dizer, parte de mim mesmo, e cada um destes lugares é um amigo que com prazer vejo todos os dias.

Militar.

Alguma cousa semelhante a isso tenho eu muitas vezes sentido. Quando se apossa de mim a tristeza, e quando não encontro

no coração dos homens aquillo que o meu deseja, consola-me o aspecto da natureza e das cousas inanimadas; deleita-me a vista dos rochedos e das arvores; e parece-me que todos os seres creados são amigos que Deus me dá.

Leproso.

Agora me incitae a que vos explique o que em mim se passa. Amo devéras os objectos que são como meus companheiros de vida, e que vejo todos os dias; antes de recolher-me á minha torre venho sempre saudar os montes Ruitorts cobertos de gêlo, os bosques sombrios do monte de S. Bernardo, e os alcantilados pincaros que dominam o valle de Rheme. Com quanto o poder de Deus tão visível seja na criação de uma formiga, quanto na do universo, o grande espectáculo das montanhas desperta-me um sentimento bem mais profundo: não posso contemplar essas massas enormes cobertas de continuos gêlos sem possuir-me d'uma religiosa admiração; porém neste vasto quadro, que me cerca, ha para mim sitios favoritos, e é um delles essa ermida que lá vêdes no cume da montanha de Charvensord, que, isolada no meio dos bosques e dominando um deserto campo, recebe os ultimos raios do sol; e, posto que nunca alli fosse, sinto, ao vê-la, um singular prazer. Ao anoitecer, assentado no meu jardim, fito os olhos nessa ermida solitaria,

e a minha imaginação nella descança. E' ella já para mim uma especie de propriedade; e até me parece que uma reminiscencia confusa me adverte, de que já alli vivi tempos felizes, cuja recordação se dissipou. Muito gosto eu de contemplar as montanhas longinquas, que se confundem no horisonte. A distancia, assim como o futuro, desenvolve-me o sentimento da esperança; e o meu coração oppresso crê que existirá talvez uma terra bem distante, onde, no futuro, poderei gosar essa felicidade porque suspiro, e que de continuo me apresenta como possivel um instincto secreto.

Militar.

Uma alma tão ardente como a vossa só por um esforço sobrehumano póde não abandonar-se ao desespero, e resignar-se a um tal destino.

Leproso.

Enganar-vos-hia se vos deixasse acreditar que sempre vivi resignado com a minha sorte: essa abnegação que de alguns anachoretas se conta, ainda não se apossou de minha alma: não; esse inteiro sacrificio de todas as affeições humanas, ainda não se consummou; antes que a minha vida se passa em continuos combates; e que nem mesmo os soccorros da religião poderam reprimir os vãos da minha imaginação. Ah!

Quantas vezes me arrasta ella, mau grado meu, para um oceano de desejos chimericos, que continuamente me impellem para esse mundo, de que nenhuma ideia tenho, e cuja imagem phantastica me está sempre presente para me atormentar!

Militar.

Se vos fosse possivel lêr na minha alma, ou eu pudesse dar-vos do mundo a ideia que delle tenho, de prompto desappareceriam vossos desejos e terminariam vossos pesares.

Leproso.

Debalde alguns livros me instruíram da perversidade dos homens, e das desgraças inherentes á especie humana, porque o meu coração recusa dar-lhes credito. As sociedades representam-se-me sempre como formadas de amigos sinceros e virtuosos; de esposos bem conformados, a quem de mãos dadas additam a saude a mocidade e a fortuna. Parece-me vê-los divagar a todos por bosques mais verdes, e mais frescos, que os que me dão a sombra; e allumiados por um sol mais brilhante que o meu; e quanto mais digna de inveja julgo a sua sorte, mais miseravel se me representa a minha. Nos começos da primavera, quando sopra nestes valles o vento do Piemonte, um ca-

lor vivificante me penetra, e, bem a pesar meu, experimento uma forte agitação: sinto em mim o inexplicavel desejo, e o sentimento confuso da immensa felicidade que poderia gosar, e que me é vedada: então, fujo da minha habitação, e discorro pelas campinas para com mais liberdade poder respirar: evito o ser visto por esses mesmos homens a quem o meu coração tanto deseja encontrar; e do alto da collina, escondido entre os mattos como um animal silvestre, alongo uma vista avida sobre essa cidade de Aoste. Com olhos cheios de inveja, distinguo ao longe os seus felizes habitantes, que não me conhecem; abro-lhes os braços gemendo, e peço-lhes uma porção de felicidade... e quantas vezes em meus transportes, sim, eu o confesso, abraço as arvores da floresta, rogando a Deus que as anime, e nellas me dê um amigo! Porém as arvores são mudas; e a sua fria cortiça, que nada tem de commum com o meu coração, que palpita e arde, me repelle; e acabrunhado, e aborrecendo a vida, arrasto-me de novo para o meu retiro; exponho a Deus os meus tormentos, e então a oração algum socego me infunde n'alma.

Militar.

Pobre infeliz! desse modo soffres conjunctamente os males da alma e do corpo!

Leproso.

Estes ultimos não são para mim os mais crueis!

Militar.

Deixam-vos elles alguns momentos de descanso?

Leproso.

Todos os mezes, segundo o giro da lua, elles augmentam e diminuem. Quando é lua nova, então soffro muito; porém depois a minha molestia diminue, e parece mudar de natureza: a minha pelle secca-se e embranquece; e então quasi que nada sinto; e a não serem as tenebrosas vigílias que me causa seria quasi sempre supportavel.

Militar.

Pois que! tambem o somno vos abandona!

Leproso.

As vigílias, senhor! Ah! as vigílias! Vós não podeis imaginar quanto é longa e triste uma noite que um infeliz inteira passa sem fechar o olho, e com o espirito dominado por uma situação tenebrosa, e por um futuro sem esperanza! O'! não, de cer-

to que ninguem póde comprehende-lo. Meus tormentos augmentam á proporção que a noite se adianta; e, ao despontar do dia, a minha agitação é tal, que a minha razão se confunde; e nestes tristes momentos, ora me parece que uma força irresistivel me arrasta para um abysmo sem fundo; ora vejo negras sombras, que em quanto as observo, lá se cruzam com a rapidez do relampago, lá se engrossam crescendo sobre mim, até que se tornam montanhas que me opprimem com o seu peso. A's vezes, vejo em torno de mim surgir da terra nuvens, que como vagas se alevantam, se amontoam, e ameaçam engulir-me; e quando quero alevantar-me para distrahir semelhantes idéas, sinto-me como retido por laços inviveis contra os quaes não tenho forças. Talvez julgueis que isto são sonhos, porém não o são: que bem acordado estou eu: vejo constantemente os mesmos objectos n'uma sensação de horror que excede todos os meus males.

Militar.

Talvez que a febre bem natural nessas crueis insomnias seja a causa dessa especie de delirio.

Leproso.

Julgaes que sejam produzidas pela febre? Ah! Assim fosse verdade o que aca-

baes de dizer. Até aqui receava eu que fossem essas visões um symptoma de loucura; e esse receio muito me inquietava: oxalá quizesse Deus fossem antes um effeito da febre!

Militar.

Muito interesse me mereceis; confesso-vos que eu nunca poderia fazer idéa de uma sorte semelhante á vossa: creio porém que menos triste ella fôra quando vossa irmã vivia?

Leproso.

Só Deus sabe o que perdi com a morte de minha irmã. Não receaes estar tão perto de mim? Assentai-vos sobre esta pedra, que eu me colloco detraz desta folhagem, e assim poderemos conversar sem nos vermos.

Militar.

E para que? Não; assentai-vos ao pé de mim. (Ditas estas palavras, o viajante fez um movimento involuntario para apertar a mão do leproso, que promptamente a retirou.)

Leproso.

Imprudente! Querieis apertar-me a mão!

Militar.

Ah! de boa vontade o fizera.

Leproso.

Seria a primeira vez que tal felicidade me era concedida, a minha mão nunca ninguém a apertou.

Militar.

Que dizeis! Afóra essa irmã de que me tendes fallado nunca tivestes outras relações, nunca fostes querido d'outro vosso semelhante?

Leproso.

Felizmente a humanidade não tem sobre a terra um outro semelhante a mim.

Militar.

Fazeis-me tremer!

Leproso.

Perdoai compassivo estrangeiro! De certo sabeis que os infelizes gostam de fallar nos seus infortunios.

Militar.

Fallai, fallai, homem interessante. Ha-

vieis-me dito que comvosco vivia em outro tempo uma irmã, que vos ajudava a supportar os vossos soffrimentos.

Leproso.

Era o unico laço que me prendia á humanidade! Quiz Deus romper esse laço, e deixar-me isolado, e só no mundo. Sua alma era digna do céo que a possue, e o seu exemplo me sustentava contra o desalento, que ora depois da sua morte muitas vezes me abate. Comtudo não viviamos nessa intimidade deliciosa de que eu tenho leve idéa, e que deveria unir amigos infelizes. O genero dos nossos males privava-nos dessa consolação; e nessas occasiões em que nos reuniamos para orar a Deus, reciprocamente evitavamos vêr-nos, receosos que o espectáculo de nossos males perturbasse as nossas meditações; e não ousavamos reunir as nossas vistas senão no céo. Findas nossas preces, minha irmã ordinariamente se retirava para sua cella, ou para baixo das aveleiras, que estão no fim do jardim; e assim viviamos quasi sempre separados.

Militar.

Mas para que vos impozestes esse fatal constrangimento?

Leproso.

Quando minha irmã foi atacada pela

contagiosa molestia de que tem sido victima toda a minha familia, e commigo veio habitar este retiro, ainda nos não tinhamos avistado, de sorte que o seu espanto foi extraordinario na primeira occasião que me viu. Então o receio de a affligir com a minha presença, e ainda mais o de lhe augmentar seus males, me obrigou a adoptar tão triste genero de vida. A lepra apenas lhe tinha atacado o peito, e eu ainda algumas esperanças tinha de a vêr curada. Esses restos de estacada que ahi vedes hoje abandonada, são de uma sebe viva de luparos, que eu nesse tempo dirigia, e entretinha com cuidado, e que dividia o jardim em duas partes: ao longo della fiz eu construir de cada lado um pequeno caminho aonde podiamos passear, e conversar, sem aliás nos vermos nem nos aproximarmos.

Militar.

Parece que o céu se deleitava, envenenando esses mesquinhos gosos, que vos concedia.

Leproso.

Nesse tempo ao menos não estava eu só; a presença de minha irmã dava alguma vida a este retiro: ainda eu ouvia nesta solidão o susurrar de seus passos: quando ao nascer do dia eu vinha orar a Deus debaixo destas arvores, a porta da torre se abria

lentamente, e a voz de minha irmã insensivelmente se misturava á minha: ao pôr do sol quando eu regava o meu jardim, passeava ella algumas vezes neste mesmo lugar em que vos fallo, e via eu a sua sombra passar e repassar sobre as minhas flôres: e mesmo quando a não via, encontrava por toda a parte vestigios della: e hoje, hoje não encontro nos sitios por onde passo uma flôr desfolhada, ou algum ramo de arbusto que ella deixasse cahir; estou só; e em torno de mim nem ha movimento nem vida; esse mesmo caminho que hia ter ao seu bosquesinho favorito, quasi vai desapparecendo coberto de relva. Sem parecer occupar-se de mim, incessantemente tomava cuidado em tudo que podesse causar-me prazer: e ás vezes ficava eu surprehendido entrando no meu quarto, e encontrando ahi vasos com novas flôres, ou algum bello fructo de que ella mesmo tinha tratado. Não me atrevia eu a prestar-lhe os mesmos serviços, e até lhe tinha pedido, que nunca entrasse no meu quarto; mas quem poderá pôr limites á affeição de uma irmã? O seguinte caso vos poderá dar idéa da ternura que tinha por mim. Uma noite, atormentado por horriveis dôres, passeava agitado na minha cela; quando, assentando-me um instante para descansar, ouvi um ligeiro susurro perto do meu quarto; approximo-me da porta; escuto; julgai qual seria a minha admiracão: era minha irmã que orava a Deus no liminar da porta! Tinha ouvido os meus

gemidos: sua ternura receou-se de me incommodar, e por isso vinha para alli para me poder soccorrer em caso de necessidade. Percebi que em voz baixa recitava o Miserere; puz-me de joelhos diante da porta, e sem a interromper mentalmente segui suas palavras, meus olhos estavam cheios de lagrimas; e quem podéra não commover-se com uma tal affeição? Quando julguei que ella teria terminado as suas preces disse-lhe em voz baixa = Adeus minha irmã, adeus; retira-te; eu sinto-me um pouco melhor; Deus te abençõe, e recompense tua piedade = Retirou-se em silencio; e a sua oração foi sem duvida ouvida, porque a final dormi tranquillo um somno de algumas horas.

Militar.

Quanto vos deviam parecer tristes os primeiros dias que se seguiram á morte dessa irmã querida!

Leproso.

Por muito tempo cahi n'uma especie de torpor que me tirou a faculdade de sentir toda a extensão da minha desgraça; e finalmente logo que entrei em mim, e que eu mesmo pude conhecer a minha situação, a razão quasi que esteve a ponto de me abandonar! Essa época será sempre duplicadamente triste para mim; traz-me á lem-

brança a maior das minhas infelicidades ; e o crime que hia sendo uma consequencia dellas !

Militar.

Um crime ! O' ! nunca ! fôra impossivel que o commettesseis !

Leproso.

Pois é verdade ; sentirei muito perder a vossa estima narrando-vos essa época da minha vida ; porém não me quero inculcar melhor do que na realidade sou ; e talvez tenhaes dó de mim com quanto me condemnais. Havia muito tempo que em alguns accessos de melancolia, se me tinha apresentado a idéa de deixar voluntariamente esta vida ; e posto que o temor de Deus a repellisse, comtudo, nessa occasião a circumstancia a mais simples, e que menos parecia poder perturbar-me, quasi me hia perdendo para a eternidade. Acabava eu de experimentar uma nova infelicidade : ha alguns annos que se nos tinha reunido um pequeno cão, o qual minha irmã tinha estimado ; e confesso-vos que depois que ella morreu, esse pobre animal era para mim uma verdadeira consolação. A' sua fealdade deviamos sem duvida a escolha que fizera da nossa morada para seu refugio. Desprezado por todos, era ainda um thesouro na casa do leproso. Minha irmã havia-lhe dado

o nome de *milagre*, como em reconhecimento ao favor que Deus nos fizera de no-lo dar como amigo; e tanto o seu nome, que contrastava com a sua fealdade, como a sua constante alegria, muitas vezes nos havia distraído de nossos pesares: fugia-nos de quando em quando, não obstante o cuidado que eu nelle tinha; mas nunca pude imaginar que essas fugas podessem prejudicar a alguém: porém alguns habitantes da cidade, se atemorisaram com isso, julgando que elle lhes poderia levar o contagio da minha molestia, e resolveram queixar-se ao governador, o qual ordenou fosse o meu cão immediatamente morto. Vieram logo soldados e alguns paisanos a este sitio para executarem aquella ordem cruel: ataram-lhe uma corda ao pescoço na minha presença; arrastaram-no para fóra; e chegado que foi á porta do jardim, não pude eu deixar de olhar ainda uma vez para elle: vi então que elle me lançava os olhos como para me pedir o soccorro que eu lhe não podia prestar. Quizeram-no afogar no Doire; mas a populaça que o esperava lá fóra o matou ás pedradas. Ouvei os seus latidos, e entrei na torre mais morto que vivo; os joelhos tremiam-me de tal sorte, que me não podia ter em pé: deitei-me na cama n'um estado tal, que descreve-lo é impossivel. A minha dôr não me deixava considerar esta ordem, que, ainda que justa, era severa, senão como uma barbaridade tão atroz como inutil; e posto que hoje me envergonhe do senti-

mento que então tive, sinto comtudo que ainda não me é possível pensar nisso a sangue frio. Passei todo esse dia na maior agitação. Acabavam de arrancar de junto a mim esse cão, unico ser com vida, que me fazia companhia; e este novo golpe tinha tornado a abrir as chagas do meu coração.

Tal era o meu estado, quando nesse mesmo dia, ao pôr do sol, eu vim assentar-me nesta mesma pedra em que estaes agora sentado. Ahi reflectia eu, havia já algumas horas, sobre a minha triste sorte, quando lá baixo, junto daquellas betulas que estão na extremidade da sebe, vi apparecerem dous jovens esposos que vinham de se enlaçar, caminharem ao longo d'uma asinhaga atravessando os prados, e passarem perto de mim. Impressa em suas fisionomias divisava-se essa deliciosa tranquillidade, que só uma verdadeira felicidade inspira: marchavam vagarosamente, com os braços entrelaçados. Vi que pararam repentinamente, e que a joven esposa encostou a cabeça sobre o seio de seu esposo, o qual a abraçou com transporte. Então, senti cerrar-se-me o coração. Quereis que vos diga? pela primeira vez a inveja entrou em minha alma: nunca a imagem da felicidade se me apresentou tão viva. Segui-os com os olhos até ao fim do prado; e ao perde-los de vista por entre as arvores, gritos de alegria me vieram aturdir os ouvidos; erão as suas familias reunidas, que alli lhe tinham vindo sahir ao encontro; cercaram-os velhos, mu-

lheres e rapazes; ouvia o murmurar confuso da sua alegria; e por entre o arvoredado divisava as côres brilhantes dos seus vestidos; todo este quadro se me figurava cercado d'uma nuvem de felicidade. Sentia no meu coração todos os tormentos do inferno; e mal podendo supportar este espectáculo, afastei d'alli os olhos, e corri para a minha cella. Grande Deus! como ella me pareceu deserta, sombria e medonha! E' esta, disse eu, a morada que me está destinada para sempre: nella esperarei o fim tardio de meus dias, arrastando uma existencia deploravel! O Eterno espalhou a felicidade em torrentes sobre tudo que respira; e eu, e eu só! sem protecção, sem amigos, sem companhia!... Que destino tenebroso! Possuido destes tristes pensamentos, esqueci-me de que ha um Ser consolador; e até de mim mesmo me esqueci! Para que, dizia eu, me foi concedida a luz? Porque ha-de a natureza ser só injusta e madrasta para mim? Qual filho desherdado, tenho á vista o rico patrimonio da familia humana; e o céu avarro recusa-me o meu quinhão. Finalmente, exclamei eu n'um accesso de raiva, não ha, não ha felicidade para ti sobre a terra; morre infeliz, morre! ha muito tempo que a manchas com tua presença; assim ella te engula vivo sem deixar o mais pequeno vestigio da tua odiosa existencia! Gradualmente se hia augmentando este meu insensato furor; de mim se apossou o desejo de aniquilar-me; e nelle, todos os meus pensa-

mentos se fixaram. Concebi em fim a resolução de incendiar a minha habitação, e de nella me consumir comtudo que de mim podesse deixar alguma recordação. Agitado e furioso sahi para o campo; vaguei algum tempo na obscuridade em volta da minha casa: de meu peito opprimido sahiam involuntariamente uns como uivos, que até a mim, no silencio da noite, ainda me atemorizavam. Cheio de raiva tornei a entrar na minha habitação, exclamando: desgraçado de ti leproso! desgraçado de ti! E como se tudo devesse contribuir para a minha perda, ouvi o ecco, que do meio das ruinas do castello de *Bramafan*, repetiu distinctamente = Desgraçado de ti! = Parei penetrado de horror á porta da torre; e o fraco ecco da montanha ainda por muito tempo repetiu = Desgraçado de ti! =

Resolvido a pôr fogo á minha habitação, lancei mão d'uma luz, e descí a um quarto mais baixo, levando commigo vides e ramos seccos. Neste quarto tinha vivido minha irmã; e depois que ella morrera, nunca mais alli entrei: a sua poltrona estava ainda collocada, como quando pela ultima vez eu a retirei da sua cella: um frio tremor senti ao vêr o véo, e outros artigos mais de seus vestidos espalhados pelo quarto: as ultimas palavras que ella tinha pronunciado, antes de sahir d'alli, apresentaram-se-me ao pensamento = Eu nem ainda morrendo te abandonarei — me dizia ella — lembra-te que estarei sempre presente nas

tuas afflicções. = Pondo a luz sobre a mesa vi o cordão da cruz que ella trazia ao pescoço, e que tinha mettido entre duas folhas da sua biblia: então recuei cheio d'um terror santo. No mesmo instante, vi claramente a profundeza do abysmo em que hia a precipitar-me; tremendo, aproximei-me do livro sagrado, e bradei: = Eis-aqui, eis-aqui o soccorro que ella me promettera! Ao tirar a cruz do livro nelle achei uma carta lacrada, que minha boa irmã me tinha deixado; as lagrimas, até então embargadas pela dôr de meus olhos se escaparam em torrentes; e os meus funestos projectos, logo todos se desvaneceram. Em quanto me não foi possivel lêr essa preciosa carta, por muito tempo a apertei contra o meu coração; e ajoelhando-me para implorar a misericordia divina; abri-a; soluçando, li estas palavras que para sempre ficaram gravadas em minha alma. = *“ Meu
 “ irmão, presto te vou deixar; porém nunca
 “ te abandonarei. Do céo, para onde espero
 “ hir, velarei por ti; pedirei a Deus te dê
 “ coragem para supportar a vida com resi-
 “ gnação, até que seja da sua vontade reu-
 “ nir-nos no outro mundo: então eu te mos-
 “ trarei até onde chega a minha affeição; na-
 “ da me impedirá de me aproximar de ti;
 “ e nada será capaz de separar-nos. Ahi te
 “ deixo essa pequena cruz que commigo trou-
 “ xe toda a vida, que muitas vezes me con-
 “ solou em minhas penas; e que foi a unica
 “ testemunha de minhas lagrimas. Lembra-*

« te quando a vires , de que os ultimos votos
 « que por ti fiz , foram que podesses viver e
 « morrer como bom christão. » = Carta que-
 rida , nunca mais me deixarás ; eu te leva-
 rei commigo á sepultura ; tu me abrirás as
 portas do céo que o meu crime para sem-
 pre me houvera fechado. Acabando de lê-
 la , senti-me desfalecer , de abatido por tan-
 to soffrimento ; vi uma sombra ante meus
 olhos ; perdi a lembrança de meus males ;
 e ao mesmo tempo o sentimento da minha
 existencia. Quando entrei em mim já era
 alta noite ; e á proporção que se esclareciam
 minhas idéas , hia eu experimentando um
 indefinido sentimento de consoladora resi-
 gnação. Parecia-me um sonho tudo quanto
 se tinha passado de tarde. Levantar os olhos
 ao céo para lhe agradecer o ter-me preser-
 vado da maior das infelicidades , foi o meu
 primeiro movimento. Nunca o firmamento
 me pareceu tão bello e tão sereno ! Defron-
 te da minha janella , brilhava uma estrella
 que contemplei por muito tempo com uma
 alegria indisivel ; dando graças a Deus por
 ter-me concedido ainda o prazer de a vêr ;
 e notando que um de seus raios era ainda
 destinado para a triste cella do leproso ,
 embebeceu-se a minha alma d'uma intima
 consolação.

Mais tranquillo subi ao meu quarto.
 Empreguei o resto da noite lendo o livro
 de Job ; e o entusiasmo santo que elle me
 infundiu n'alma , inteiramente dissipou as
 negras idéas que me cercavam. Nunca em

vida de minha irmã eu tinha passado tão horriveis momentos: então para tranquillisar-me bastava saber que a tinha a meu lado; e para ter consolação e coragem pensar na affeição que me consagrava. Deus vos livre, compassivo estrangeiro, de que em algum dia sejaes obrigado a viver só! Minha irmã, a minha companheira já não existe; porém o céo dar-me-ha força para que eu com coragem suporte a vida; sim eu o espero, porque lho peço com todo o fervor da minha alma.

Militar.

Que idade tinha vossa irmã quando a perdestes?

Leproso.

Apenas vinte e cinco annos; mas os seus padecimentos bem cedo a envelheceram. Apesar da molestia de que foi victima, e que tanto lhe tinha alterado suas feições, ella ainda fôra bella sem a horrivel palidez que a desfigurava; nem me era possivel olhar sem gemer para essa imagem da morte com vida.

Militar.

Bem nova a perdestes.

Leproso.

A sua debil e delicada compleição não

podia resistir a tantos males juntos. Já ha tempo eu conhecia ser inevitavel a sua morte; e tão triste era a sorte della, que me obrigava a desejar-lha; vendo-a progressivamente enfraquecer-se, e destruir-se, via com uma alegria funesta aproximar-se o termo de seus soffrimentos. Haveria um mez que a sua fraqueza tinha augmentado extraordinariamente; e repetidas syncopes ameaçavam a todo o momento a sua vida. N'uma tarde (era no começo d'Agosto) vi-a tão abatida que não quiz abandoná-la; estava sentada na sua poltrona, porque já havia dias não podia supportar a cama. Sentei-me ao seu lado, e na mais profunda escuridade tivemos ambos nossa ultima conversa. As minhas lagrimas não se me estancavam; um cruel presentimento me agitava! = Porque choras? me dizia ella; porque assim te affliges? nem morta te abandonarei, sempre estarei presente a todas as tuas afflicções = Passados que foram alguns instantes, manifestou-me grande desejo de ser transportada para fóra da torre, para fazer oração no seu bosquesinho de aveleiras, onde ella passava a maior parte do bom tempo. = Eu quero, me dizia, morrer olhando para o céo = comtudo eu não suppunha que sua hora estivesse tão proxima. Tomei-a em meus braços para a erguer. = Basta que me sustentas, me disse ella, que talvez ainda tenha forças para andar. Conduzi-a vagarosamente para as aveleiras; formei-lhe um leito com folhas seccas que ella

mesma tinha ajuntado; e cobrindo-a com um véo para a livrar da humidade da noite, sentei-me a seu lado; porém ella desejou estar só na sua ultima meditação; e eu me afastei um pouco, sem comtudo a perder de vista. De vez em quando via eu que o véo se levantava, e que suas mãos brancas se estendiam para o céo. Aproximando-me do bosque, pediu-me agua; levei-lha no seu copo; humedeceu seus labios, mas não pôde beber. = Sinto já a morte, me disse ella, virando a cabeça, e a minha sêde em breve se apagará para sempre. = Ampara-me, meu irmão; ajuda tua irmã a transpor este passo desejado, mas terrivel: ampara-me, reza a oração da agonia = Foram estas as ultimas palavras que me dirigiu. Encostei a sua cabeça contra o meu seio; rezei a oração da agonia. = Passa á eternidade, lhe disse eu, minha cara irmã; livra-te da vida; e deixa este despojo em meus braços! Amparei-a assim por espaço de tres horas, na ultima lucta da natureza; até que expirou docemente, e que a sua alma sem violenta agonia se desprendeou da terra. =

No fim desta narração, o leproso cobriu o rosto com as mãos; a dôr embargava a voz ao viajante; e depois d'um instante de silencio, o leproso se levantou e disse: = « Estrangeiro, quando a dôr ou o desalento vos acommetterem, pensai no solitario da cidade de Aoste; a visita que lhe fizestes não vos será inutil. » =

Então ambos se encaminharam para a

porta do jardim; e quando o militar estava a ponto de sahir, vestiu a luva da mão direita, e disse ao leproso: já que nunca apertastes a mão a pessoa alguma, concedei-me o favor de apertar a minha: é a mão d'um amigo, que vivamente se interessa por vós. O leproso recuou alguns passos como que assombrado, e alevantando os olhos e as mãos para o céu exalamou = Deus misericordioso derramai torrentes de graças sobre este compassivo homem.

Concedei-me ainda um outro favor, replicou o viajante: eu vou partir, e talvez que por muito tempo vos não torne a vêr; não será possível, que com as precauções necessarias nós nos correspondamos por escripto uma vez por outra? Uma tal correspondencia poderia distrahir-vos, e causar-me grande prazer. O leproso reflectiu algum tempo e respondeu-lhe: para que hei-de eu tratar de illudir-me? não devo ter outra sociedade senão a minha; nem outro amigo senão Deus; junto d'elle nos veremos: adeus, generoso estrangeiro, sêde feliz.... Adeus para sempre! O viajante sahiu; e o leproso fechou a porta e correu os ferrolhos.



biblioteca
municipal
barcelos



4163

O leproso da cidade de aoste